

## ***Xiii! Quebrou...***



***Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO***

***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

***Edição:***

Reflexões Vol.4, No.11, junho 2023 – *Xiii! Quebrou...*

*Periodicidade: quinzenal*

*Campo Grande - MS*

*Capa: Imagem tratada de foto da obra “Dog Baloon” de Jeff Koons, quebrada acidentalmente em exposição em Miami, fevereiro de 2023.*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

Acidentes acontecem, mesmo com obras de R\$200.000,00. Uma obra de Jeff Koons, um de seus “*Dog Baloons*”, foi destruída em fevereiro de 2023, numa galeria de Miami, por um visitante que esbarrou no suporte da peça e derrubou-a transformando-a em cacos. Felizmente, para quem causou o infeliz acidente, a obra tinha seguro e a constrangedora regra do “quebrou tem que pagar”, não se aplicou e ainda surgiram interessados pelos cacos...

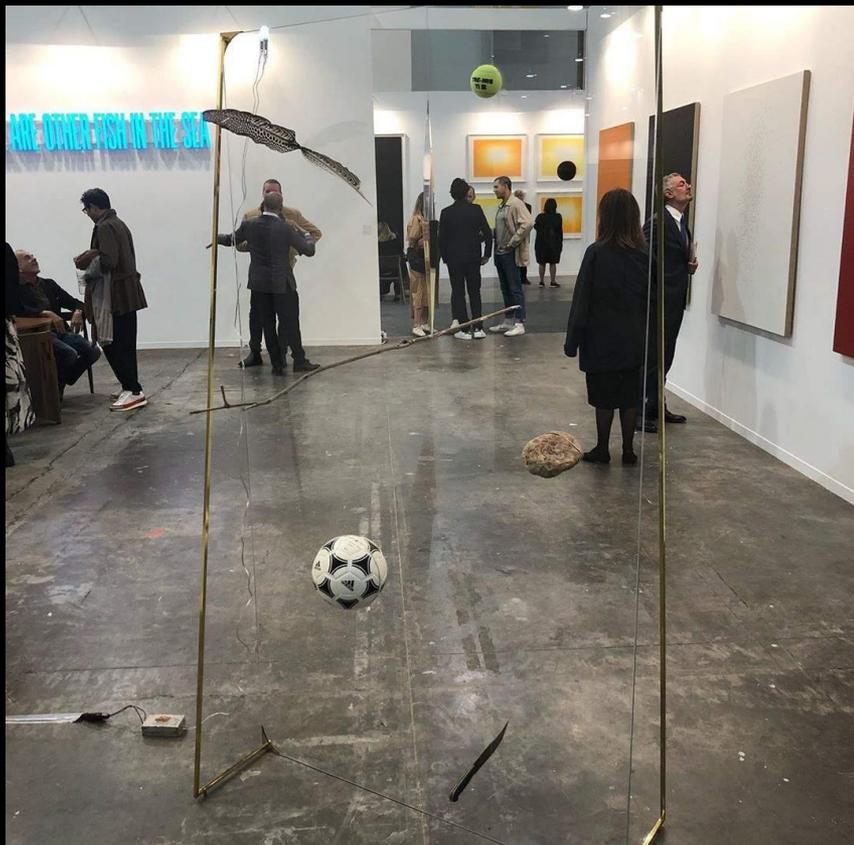
Este não foi o primeiro nem o último acidente, ou melhor, incidente com Obras de Arte, vários deles ocorreram em prejuízo de obras e instituições. Contudo não são apenas ocorrências fortuitas que causam prejuízos à Cultura, à Arte, às Instituições e pessoas, mas sim outros tipos de acontecimentos que destroem ou danificam Obras de Arte mais do que os acidentes casuais. Este é o assunto desta Edição.



À esquerda a imagem da obra de Koons, da série “*Dog Ballons*”, ainda inteira e à direita a imagem desoladora do falecido animalzinho fragmentado em pedaços.



A destruição de Obras também pode ser por “Vingança”. Em 2020, a proprietária de uma das obras de Romero Britto, vai até sua galeria e a quebra diante dele. Justifica tal comportamento dizendo que o autor, havia comparecido ao seu restaurante e destratado seus funcionários, ele negou tal acusação, mas o ato viralizou...



Acima a obra de Gabriel Rico, avaliada em R\$86.000,00, antes de ser destruída acidentalmente pela crítica de Arte Avelina Lesper, no México.

A crítica, conhecida por sua aversão à Arte Contemporânea, havia declarado seu desprezo pela obra antes de causar o acidente que resultou na destruição da mesma.



Não se sabe se foi, de fato, um acidente ou se ela agiu com o propósito de causar a destruição. Dado seu comportamento pregresso, há suspeitas de que pudesse ter agido de “caso pensado”, contudo, não se sabe como ficou a questão dos danos materiais provocados, nem se houve por parte do artista ação para ressarcimento de tal ato. O que a galeria declarou foi a falta de profissionalismo e respeito da crítica.

Atos de vandalismo também são comuns em museus, galerias e principalmente monumentos que se encontram em ambientes abertos. A sanha predatória de ignorantes, desinformados, tendenciosos ou maldosos mesmo, sempre colocou em risco o patrimônio cultural público e particular. Ainda que os sistemas de vigilância tomem todos os cuidados, os vândalos encontram meios para agir.

Vandalismo não é acidente, premeditado ou não são atos que colocam em risco as Obras de Arte. Sempre ocorreram e despertam a atenção sobre as possíveis motivações e quais meios de proteção podem ser usados para evitar que ocorram. Uma das estratégias mais utilizadas é proteger fisicamente as obras com anteparos, em geral de vidro e limitar a proximidade das pessoas a ponto de prejudicar a visão das as obras.

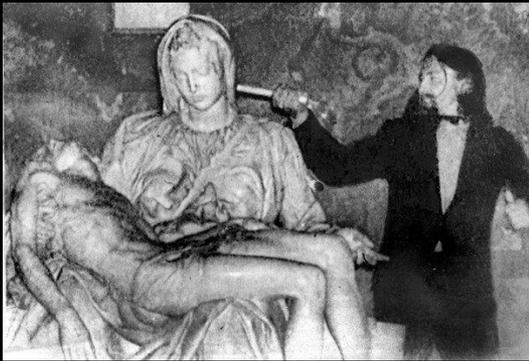


Acima a Obra “*Danae*”, de Rembrandt, depois de sofrer atentado com ácido por Bronius Maigys, que, praticamente, destruiu a imagem.

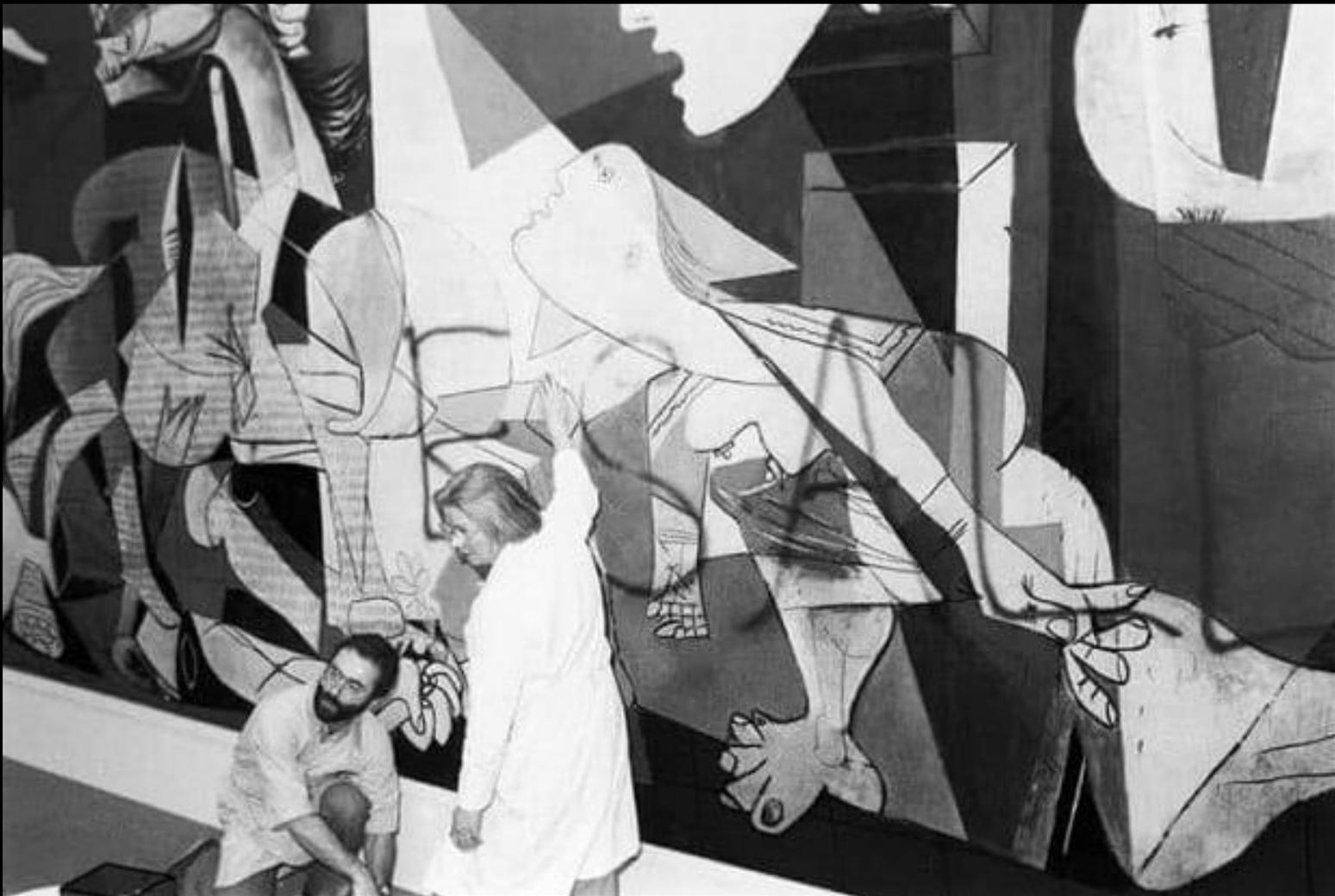


Depois de restaurada só ficaram algumas marcas nas pernas da figura feminina. Ela continua no Museu Hermitage, em São Petersburgo, na Rússia.

Mona Lisa, a célebre obra de Leonardo da Vinci, é uma das que mais sofreu atentados. Em 1956 um homem atirou ácido sobre a obra quando exposta em um museu em Montauban, na França, parte da tela foi danificada e depois restaurada. Mais tarde, outro homem atirou uma pedra contra o quadro, prejudicando o pigmento na área do impacto. Em 2009, uma mulher atirou uma xícara contra a obra que atingiu o vidro de proteção.



Em 1972, Laszlo Toth, entrou na Basílica de São Pedro, no Vaticano, durante a festa de pentecostes e golpeou várias vezes a escultura da Pietá de Michelangelo gritando “Eu sou Jesus Cristo”. A escultura perdeu o braço e parte do nariz, restaurada, está protegida por vidro blindado.



“Guernica”, de Pablo Picasso, por ocasião da exposição da obra no MoMA em NY, em 1974, foi atacada por Tony Shafrazi, que pintou a frase “Kill Lies All” com tinta vermelha em *spray*.



A obra "*Ronda Noturna*" de Rembrandt, foi atacada a faca por Wilhemus de Rijk no museu do Estado da Holanda, o Rijksmuseum, em setembro de 1975. Constatou-se depois que o agressor sofria problemas mentais.

“*A Banhista enxugando a perna direita*” de Pierre-Auguste Renoir, em exposição no MASP, em São Paulo, é atacada, em junho de 1991, por Magda Mayumi Shinohara, que atirou tinta guache sobre a tela, segundo ela para chamar a atenção das pessoas para o fim do mundo que se aproxima. O ato não causou grandes danos à obra que precisou apenas de um “banho” com água destilada...

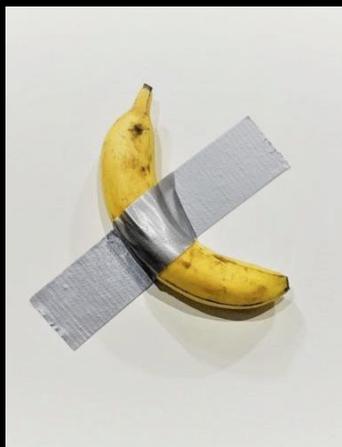
“*A Ponte de Argenteuil*” de Claude Monet, sofreu um ataque, em 2007, por um grupo de quatro homens e uma mulher no Museu D’Orsay, em Paris.

Após a invasão do prédio, o grupo vandalizou a obra espancando-a, o que lhe causou um rombo de 10cm na superfície da tela, não satisfeitos com isto, ainda urinaram sobre ela. Depois de sanitizada e restaurada foi devolvida à parede do museu.

“*A Fonte*”, trabalho Dadaísta de Marcel Duchamp, de 1917, em mostra no Centro Pompidou em Paris, é atacado a marteladas em 2006, por um homem que já tinha atacado a mesma obra quando da exposição em Nimes, no sul da França, em 1993.

Naquela ocasião o ataque teria sido diferente e talvez mais apropriado, segundo relato da polícia ele havia urinado sobre a obra. Preso, disse que eram performances.

Este tipo de “performance” foi também praticado recentemente, em 2017, por David Datuna, ao deglutir a obra “*O comediante*” de Maurizio Cattelan, exposta na Art Basel de Miami. A obra constava de uma banana, a fruta mesmo, fixada à parede com *silver tape*, um tipo de fita adesiva. O suposto artista gravou a performance retirando e comendo a banana. Nada aconteceu, o galerista apenas substituiu o fruto.



A Obra!

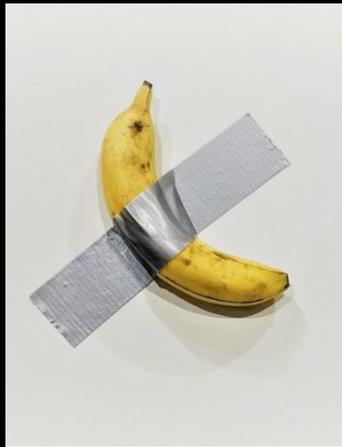


O Ataque!



O Crime!

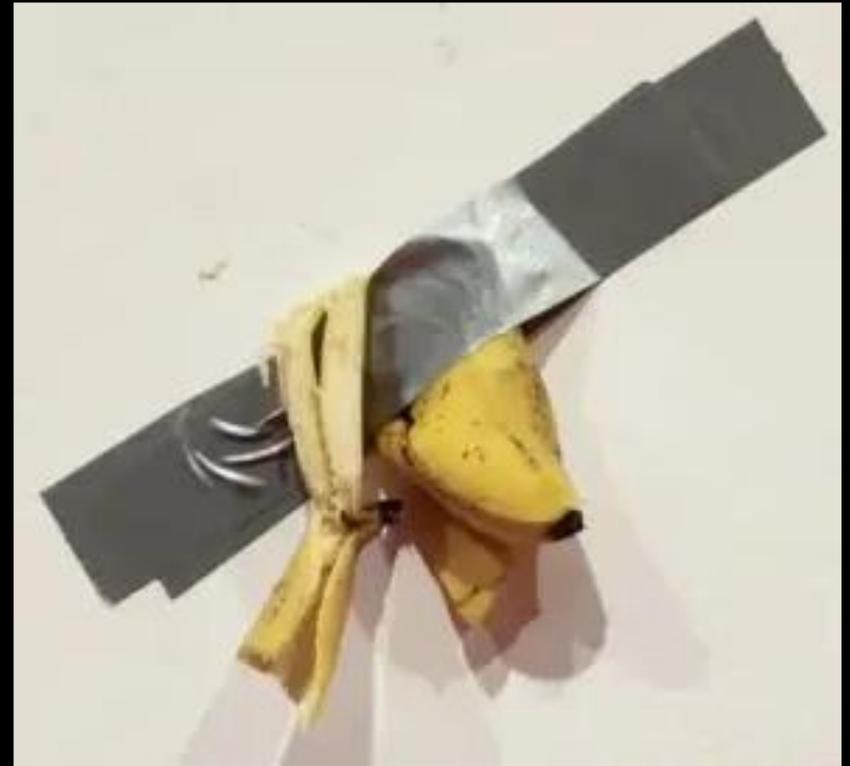
Datuna intitulou a Performance como “*Artista com Fome*”. O processo foi todo documentado em vídeo no qual ele comenta que admira Cattelan e achou sua obra “deliciosa”.



A Obra!



O Ataque!



O Crime!

Em abril de 2023, o fato se repetiu. Um estudante da Universidade Nacional de Seul comeu mais uma vez a banana que compunha a obra de “*Comedian*” de Cattelan, exposta no Leeum Museum of Art, em Seul, Coreia do Sul. A justificativa foi a mesma: “Fiquei com Fome”. Ao que parece o crime foi premeditado, pois o criminoso levou mais fita para reafixar a prova do crime no local...



Nem sempre o vandalismo é só vandalismo, pode ser ato político. O artista e ativista chinês Ai Wei Wei, numa de suas performances, em 1995, destrói um valioso vaso funerário da Dinastia Han, parafraseando Mao Tsé Tung, o general que liderou o partido comunista chinês: *“A única maneira de construir um mundo novo é destruindo o antigo”*.



Um ato que mescla a ideia de vandalismo com autodestruição, ocorreu no leilão na Sotheby's de Londres quando uma obra de Banksy foi parcialmente destruída no momento em que o leiloeiro “bateu o martelo” para consolidar a venda da peça em disputa.

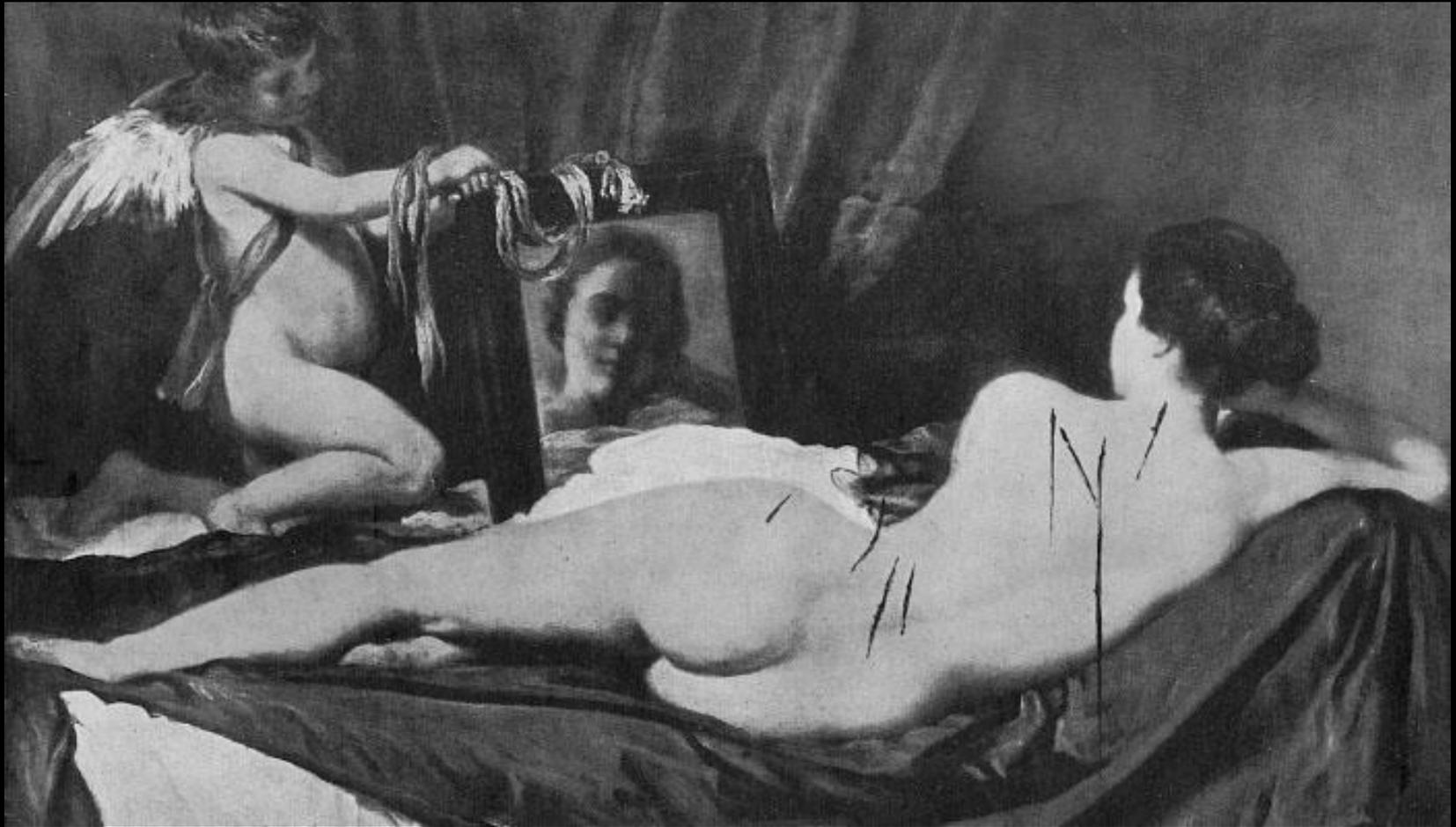
Naquele momento a obra “*Menina com Balão*”, começa a se “autodestruir” ao vivo e a cores. Pelo que se constatou o ato foi provocado pelo próprio artista que se encontrava anônimo na plateia. O problema é que o fragmentador inserido na moldura emperrou durante o processo e apenas parte da obra foi destruída. O curioso é que a pessoa que a adquiriu, por quase seis milhões de reais, manteve a proposta e ficou com a obra. Excelente investimento!



Banksy, Menina com Balão, a esquerda a obra inteira e a direita, parcialmente fragmentada na sessão do leilão no qual a obra foi vendida.

Seria possível a existência de um “*Vandalismo Bom*”? Ou seja, atos negativos que têm objetivos positivos? Parece um contrassenso, mas é o que tem surgido com frequência nos últimos anos. Vários grupos de ativistas pró meio ambiente têm usado esta estratégia para chamar a atenção para suas causas, mesmo que isto implique em prisões e processos jurídicos ou administrativos.

A matriz deste tipo de vandalismo, supostamente positivo, surgiu desde o início do século XX quando começaram as lutas pelos direitos das minorias, das mulheres e as práticas socioinstitucionais. Agir pelo lado negativo para chamar a atenção para causas nobres é aceitável? Óbvio que não, mas como as mídias de comunicação só se interessam por atos com certo grau de impacto e violência, acabam estimulando este tipo de comportamento.



Em 1916, a obra “*Vênus no Espelho*” de Diego Velásquez, na National Gallery, de Londres, foi atacada brutalmente a facadas pela sufragista Mary Richardson em represália à prisão da líder do movimento pelo voto feminino na Inglaterra.

Nos últimos anos, vem ocorrendo manifestações ou até mesmo atentados contra obras de Arte promovidos por ativistas e militantes de organizações não governamentais no intuito de chamar a atenção para questões que defendem. A onda de atos de protesto tem crescido bastante e a tendência é aumentar na medida em que o recrudescimento das condições climáticas e ambientais também cresçam.



Aqui ativistas do grupo Italiano Ultima Generazione, colaram suas mãos no vidro de proteção da Obra “*Primavera*”, de Sandro Boticelli, na Galleria Uffizi em Florença.



À esquerda ativistas do grupo de proteção climática Letzte Generation, jogaram purê de batata numa obra de Claude Monet. Ao centro, manifestantes da organização Just Stop Oil, jogaram sopa na obra “*Girassóis*” de Van Gogh, na National Gallery em Londres. À direita, ativistas do mesmo grupo Letzte Generation, jogaram tinta preta na pintura “*Morte e Vida*” de Gustave Klimt, no Leopoldo Museu em Viena, na Áustria. Na mesma medida de crescimento destes atos e manifestos, também crescerão os sistemas de proteção e guarda das instituições museográficas, a ponto de tornar as visitas impraticáveis.

Não são apenas atos políticos ou de militantes que causam prejuízo ao patrimônio material ou cultural. Eventos naturais podem causar isto, como também conflitos bélicos ou extremistas.

Comportamentos de grupos ou mesmo de indivíduos movidos por interesses ou desinteresse, desequilíbrio emocional ou funcional, enfim, obras de Arte podem sofrer todo tipo de agressão, assim como pessoas são vitimadas.

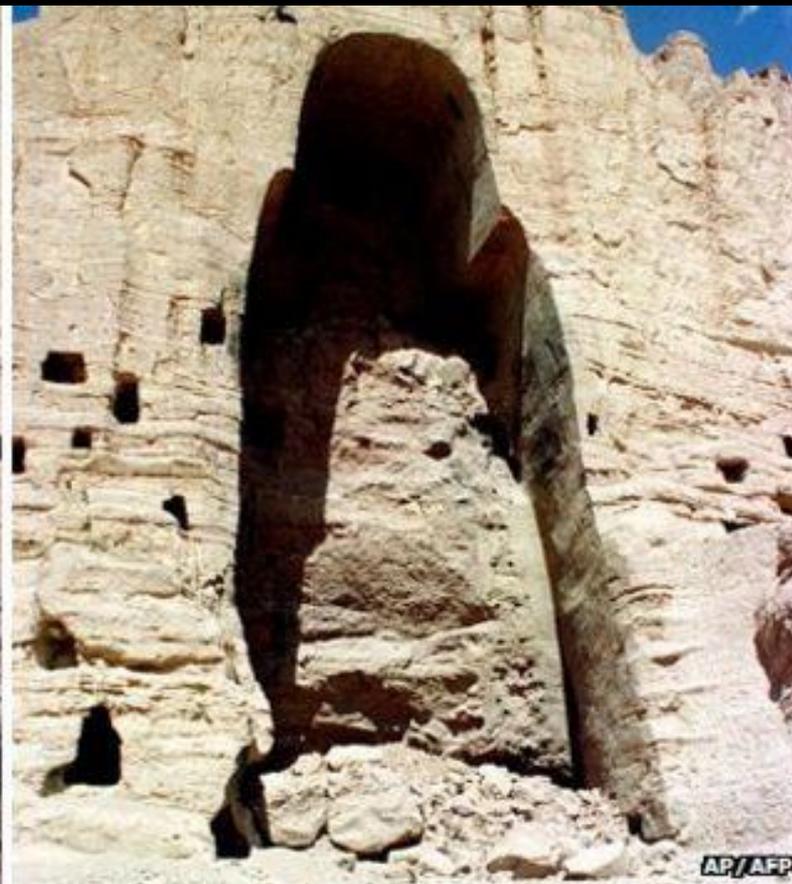
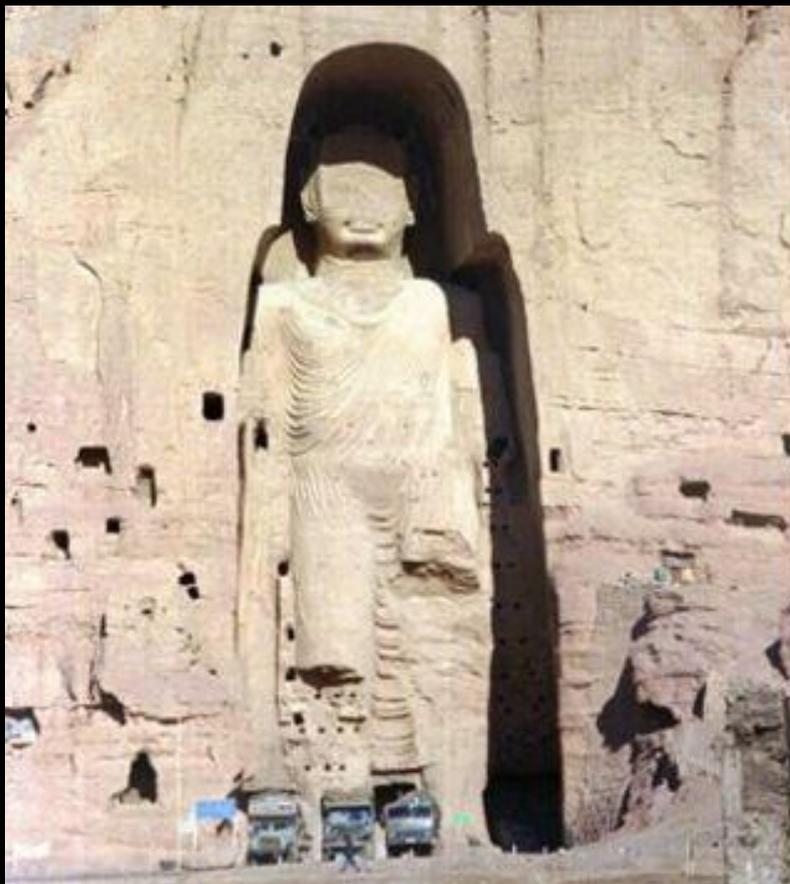
O recorte deste assunto considera questões relativas ao contexto artístico e cultural, no entanto, não quer dar a impressão de que se ignoram os atos contra as pessoas, estes são muito mais deletérios do que contra obras de Arte ou meros objetos físicos cuja materialidade tem pouca importância em comparação aos valores humanos. Embora a materialidade seja parte do patrimônio humano, não é a humanidade.



O terremoto de 1997, que atingiu a cidade de Assis na Itália, provocou danos incomensuráveis à Basílica de S. Francisco de Assis, onde se encontram obras de Giotto e Cimabue, reduzidas a fragmentos pela queda das paredes, se tornaram um imenso quebra-cabeças. Os especialistas levaram mais de nove anos para reconstruí-las, mesmo assim, com danos irreversíveis.



Esta obra, “*Os quebradores de pedra*”, de Gustave Courbet, não existe mais. Foi destruída, entre outras vinte obras, pelo bombardeio dos Aliados, contra a cidade de Dresden, na Alemanha, durante a II Guerra mundial.



Em março de 2001, o governo fundamentalista Talibã, destruiu as gigantescas estátuas dos Budas de Bamiã, que haviam sido escavadas em nichos na rocha no século V. uma delas tinha 53 metros de altura, era a representação de Buda mais alta do mundo. Como se constata: o extremismo também destrói a cultura.

Na linha de atos extremos, vale lembrar da Exposição de Arte promovida pelo partido nazista alemão em 1937: *Entartete Kunst* ou *Arte Degenerada*, na qual foram expostas obras consideradas decadentes ou discrepantes e vinculadas a movimentos culturais não alinhados à concepção do Ideal de beleza clássico e naturalista da chamada *Deutsche Kunst* ou *Arte Alemã*.

A mostra, aberta em 19 de julho de 1937, em Munique contou apenas com 650 obras, pois haviam sido confiscadas mais de 16.000 obras de 32 museus e galerias alemãs. Depois da itinerância programada para a mostra elas seriam destruídas. Uma parte foi, de fato, destruída mas boa parte vendida no exterior. O que causa estranhamento: se eram “degeneradas”, não seria uma hipocrisia vendê-las? Segundo relatório de Goebbels a Hitler, 300 pinturas e esculturas e 3.000 ilustrações foram vendidas.

Em geral, sempre que o sistema político ou econômico é dominado por autocratas, ditadores, absolutistas ou mesmo defensores da extrema direita, corre-se o risco do estabelecimento de estados de exceção, discretos ou explícitos, na tentativa de determinar condutas de caráter moral e cívicos contrários ao estado de direito, à civilidade, à ética e à liberdade de pensamento, expressão e de ir e vir.

A recrudescência do capitalismo predatório nas últimas décadas tem revelado uma tendência cada vez mais acentuada na imposição de diretrizes da direita radical, subvencionada pelo poder econômico, que tende ao extremismo. Em vários países isto tem se configurado e é um alerta para as democracias pois, se não demonstrarem habilidades políticas e econômicas correm o risco de sucumbir.

Recentemente, aqui no país, atos de depredação do patrimônio físico e cultural na Capital Federal entrou para a História do Brasil. Uma horda de manifestantes promoveu a maior destruição de bens culturais e patrimoniais. Foram destruídas ou depredadas inúmeras obras de arte e antiguidades além do mobiliário e danos aos prédios públicos. Até 8 de janeiro de 2023, não se conhecia aqui o poder destrutivo do sectarismo político .



“*Galhos e Sombras*” de Franz Krajberg, foi quebrada, “*O flautista*” de Bruno Giorgi, foi destruído, parte do muro escultórico de Atos Bulcão foi perfurado.



A imagem mostra os danos causados à tela da obra de Di Cavalcanti, “*As Mulatas*”, provocados por vândalos na invasão aos prédios dos Três Poderes da República, na Capital Federal, Brasília, nos atos antidemocráticos praticados em 8 de janeiro de 2023.

Bem, entre acidentes a atos de vandalismo e destruição o percurso de agressão contra a humanidade é permanente, seja através de atos “simbólicos”, quando se destrói os produtos culturais ou ainda quando a agressão é dirigida diretamente às pessoas cujas posições sociais, diferenças, divergências e impotência são subjugadas pelo poder dominante ou dominador.

A ideia desta Reflexão foi, de um lado, destacar os incidentes e acidentes que ocorrem contra a vontade ou sem qualquer intenção de provocar danos, mas também alertar para o fato de que atingir a Cultura, a Arte e o patrimônio de uma nação é indicar o desprezo, o ódio e acima de tudo a ignorância de grupos que não são razoáveis nem democráticos. Pensem nisto.